

A FRANÇA PODE MUDAR A EUROPA

por Mário Soares

A França é um dos países chave no quadro europeu. Por ser, como a Alemanha, em 1957, quem lançou o projecto europeu, numa Europa devastada do pós guerra, que começava a recompor-se, com a bênção do plano Marshall. Mas também porque a Itália e os três países do Benelux - Bélgica, Holanda e Luxemburgo - os outros Estados fundadores, saídos da guerra, contavam ainda bastante pouco.

Sem o entendimento franco-alemão não teria havido CEE, até porque a Inglaterra, com Winston Churchill, tendo participado no Congresso do Movimento Europeu, em Haia, em 1948, e lançado a ideia dos "Estados Unidos da Europa", ter tido logo o cuidado de afirmar que o Reino Unido não participaria na nova instituição europeia. Talvez por ser um dos Estados vencedores da guerra, a par dos Estados Unidos e da URSS, "os três grandes" e acreditar ainda que não se poderia tocar no império de Sua Majestade Britânica.

Mas não foi o que aconteceu. O mundo do pós guerra mudou muito, como se sabe. O grande movimento de descolonização intensificou-se a partir de 1960, após a Conferência de Bandung (1955), os Aliados da guerra dividiram-se, com o início da guerra-fria, o aparecimento dos não-alinhados - Tito, Nehru e Nasser - e a divisão da Europa em duas, separada pela cortina de ferro, que dividia também a própria Alemanha.

Com De Gaulle, o grande resistente francês, foi criada a V República, iniciada a descolonização dos impérios inglês e francês, aceite, finalmente, a independência da Argélia, após uma guerra cruenta e a França, com os seus sucessivos Presidentes - Alain Poher, Pompidou, Valéry Giscard d'Estaing, Mitterrand, Chirac - viveu anos de expansão, ajudou ao desenvolvimento da CEE, depois União Europeia, dado o seu bom entendimento com a Alemanha, acolheu o Reino Unido no seu seio, embora sempre renitente e contribuiu, com sucessivos alargamentos, para a entrada de outros Estados-membros, como a Espanha e Portugal. A reunificação da Alemanha veio depois. O único sobressalto, que chegou a assustar De Gaulle, foi Maio de 1968, que foi mais uma revolução de costumes, que deixou grandes marcas, do que uma revolução político-social. O regime semi-presidencialista, inventado por De Gaulle e Debré, manteve-se o mesmo, durante muitos e bons anos. Até hoje.

Com o colapso do comunismo a Europa iniciou uma nova fase de integração e passou a ser, com o Tratado de Maastricht, mais do que um espaço económico de livre-câmbio. Tornou-se numa União, criando mais tarde uma moeda única, o euro, e alargando as suas fronteiras, com adesão dos Estados de Leste, até à Rússia que, entretanto, deixou de ser URSS, graças ao grande Gorbachev, conseguindo mudar o sistema quase sem um tiro.

Em 2008 deu-se a segunda grande crise global, a maior crise do capitalismo, incluindo a grande crise de 1929-30. Começou nos Estados Unidos da América, em consequência da globalização e do neo-liberalismo, que criou o chamado o capitalismo de casino, a economia virtual, a superioridade dos mercados sobre os Estados, os paraísos fiscais, as agências de rating e considerou o dinheiro como o valor supremo.

A crise global, iniciada na América, comunicou-se à União Europeia, onde a ideologia neo-liberal tinha criado já algumas raízes, impulsionadas pela "terceira via", do famigerado Senhor Blair. As duas grandes famílias políticas europeias, a democracia cristã e o socialismo democrático, começaram a perder força, substituídas, respectivamente, pelos partidos populares, ultraconservadores, e pelos socialistas blairistas, mais ou menos adeptos do neo-liberalismo.

Assim se explica, a perda de prestígio da União Europeia, desde a crise de 2008 e a incapacidade dos seus líderes para lutar contra uma crise, que eles próprios, ajudaram a criar.

É neste contexto que o actual Presidente de França, Nicolas Sarkozy, reaccionário de raiz, volátil e oportunista vai disputar em França, um novo mandato, tendo como principal rival, François Hollande, socialista convicto, inimigo do economicismo financeiro e partidário do Estado Social, que - diga-se - deu à Europa quatro décadas de paz, de justiça social, de pleno emprego e de bem-estar.

Curiosamente, Nicolas Sarkozy, tornou-se, com o avolumar da crise e talvez das dificuldades de França, numa espécie de assessor da Senhora Merkel que, vinda da Alemanha comunista e depois aliada do Partido neo-liberal de extrema direita, tem vindo a travar a necessária evolução europeia,

procurando "germanizá-la", ao seu gosto, como se isso fosse possível. Não creio que seja. A União Europeia, governada esmagadoramente por partidos populares ultraconservadores, está em descrédito profundo e, como disseram Helmut Schmidt e Jacques Delors, "à beira do abismo". É imprescindível evitar esse enorme risco.

As eleições presidenciais francesas têm lugar em Abril próximo e podem contribuir, penso eu, para impedir essa catástrofe anunciada. Para tanto é preciso que o rival de Sarkozy, François Hollande, as ganhe. As sondagens têm evoluído ultimamente em favor de Sarkozy, que cada vez se situa mais à Direita para roubar votos à Candidata Marine Le Pen. O que propôs para retirar os imigrantes de França, quando ele próprio é filho de um imigrante húngaro, constitui uma verdadeira vergonha. A Senhora Merkel está tão preocupada com a não eleição de Sarkozy, seu aliado e quase vassalo, que tem vindo a fazer, junto dos Estados europeus, propaganda aberta de Sarkozy. O que talvez só o prejudique...

Por outro lado, François Hollande, no Sábado passado, num encontro com os socialistas europeus, organizado pela Fundação Jaurès, socialista francesa, pela Fundação Ebert, social-democrata alemã, e pela Federação dos Partidos progressistas, italiano de Massimo d'Alema, entre outros, assumiu, nesse histórico fórum, o comando da "revolução social democrata na União Europeia", assinando uma aliança, nesse sentido, com os seus camaradas alemães e italianos. Trata-se de algo muito importante, que dá uma nova esperança aos europeus progressistas e quebra o desânimo que tanto os tem caracterizado. Representa um compromisso, quanto ao futuro, com o objectivo de mudar a política económica e social europeia e vencer a crise. Apostando mais no crescimento económico e na luta contra o desemprego do que nas medidas de austeridade. Estiveram presentes Pier Luigi Bersani, secretário do Partido Democrata Italiano; Sigmar Gabriel, líder dos sociais democratas alemães; Martin Schulz, presidente do Parlamento Europeu; Hannes Swodoba, dirigente dos socialistas austríacos e presidente do grupo socialista do Parlamento Europeu; e o búlgaro Sergei Stanishev, dirigente do Partido Socialista Europeu, entre outros.

Curiosamente, ao que julgo, os líderes de Portugal e Espanha - Seguro e Rubalcaba - estiveram presentes. Certamente porque tinham compromissos nacionais. Foi, contudo, para ambos, necessariamente, um grande estímulo que vai repetir-se, para que a Europa possa recuperar a antiga glória e mudar de rumo.

A ONU VAI MAL

Há um ano que a Síria do ditador, Bashar al-Assad, procura resistir às manifestações dos seus compatriotas que saíram à rua a reclamar democracia e liberdade, como tantos outros Estados da primavera islâmica. Bashar al-Assad, como o ditador seu Pai, fez ouvidos de mercador e tentou com uma violência inaceitável castigar os seus compatriotas, pondo as suas milícias armadas, com armas muito sofisticadas, a matar sem piedade os "terroristas", como ele agora lhes chama. A ONU, com a memória presente de Kadafi, ditador da Líbia, pretende evitar as sucessivas carnificinas e a destruição das cidades mais atingidas e levou o caso ao Conselho de Segurança para intervir. No entanto, a ONU foi paralisada, apesar da Liga Árabe estar a seu favor e contra o ditador sírio, pelo veto (inaceitável) de dois Estados muito pouco democráticos: a Rússia e a China. É o mundo em que vivemos, onde o valor do dinheiro e dos interesses económicos se sobrepõem à ética e ao humanitarismo...

A ONU recuou, apesar da violência crescente do Governo sírio e do escândalo de tanta mortandade. Ultimamente, nomeou o antigo Secretário-Geral da ONU, Kofi Annan, para se deslocar à Síria e convencer Bashar al-Assad, a acabar com o terrorismo, de um Governo sem escrúpulos. Mas infelizmente não o convenceu. O ditador não aceita sair do seu País, protegendo a sua vida e a da sua família. Como Kadafi não aceitou qualquer saída e, provavelmente, vai ter a mesma sorte, cedo ou tarde... A matança de milhares de inocentes, continua. O ditador chama agora terroristas da Al Qaeda, a uma população que se limita a gritar pelos Direitos Humanos, não suporta mais o ditador e reclama liberdade, o que diga-se, há muitos anos não conhece.

Várias embaixadas árabes saíram da Síria: Kuwait, Oman, Emirados Árabes, Qatar, bem como a Arábia Saudita e o Barheïn. Há quem pense recorrer ao Tribunal Internacional de Haia. Os russos querem encontrar uma solução. Mas qual, se protegem o ditador? O mundo dito civilizado, está assim...

CUBA: O MERCADO OU A MORTE?

É o título de um artigo publicado no El País de Domingo que descreve aquilo que sabemos há muito: que o regime totalitário imposto por Fidel Castro, sem ajuda económica externa - como teve

nos tempos da URSS e depois da China - sem se abrir ao exterior, conduz, necessariamente, a população enormemente empobrecida, a uma sobrevivência difícil.

O Presidente Raul Castro, irmão de Fidel, tenta uma abertura económica, desde o início, mas não quer - ou não pode - fazer concessões políticas. Daí o tremendo imbróglio que Cuba vive há alguns anos. Desde a substituição de Fidel. Os Estados Unidos têm culpas no cartório, uma vez que não terminam com o bloqueio a Cuba, dadas as pressões dos cubanos que vivem em Miami. Se o tivessem feito, Cuba há muito seria um país diferente, livre, democrático, próspero e progressivo. Assim é uma sobrevivência de outra era...

Lisboa, 20 de Março de 2012